Dimas Macedo e a Poesia Do Salgado

Rodrigo Marques
Poeta e Crítico Literário
Mestrando em Letras na UFC

1. Memórias do salgado

Era menino
e o Salgado era como um irmão mais velho:
eu ouvia sua voz nas águas
e a correnteza sussurrava-me
palavras tão amáveis.
As águas eram
um veio inesgotável de poesia
e as enchentes do rio
levavam sempre uma saudade
que eu sentia - quando elas iam embora.

O poema transcrito, em forma de epígrafe, pertence ao livro *A Distância de Todas as Coisas* (1980), o segundo de autoria de Dimas Macedo, e aquele que o projetou na cena literária local e nacional. *A Distância de Todas as Coisas* representa um marco primordial para quem deseja estudar a obra completa do poeta, pois nele estão contidos, separadamente, em cada uma de suas partes, os temas e as formas escolhidos pelo escritor para a realização de todo o seu trabalho poético.

O livro está dividido em cinco blocos literários distintos: "Discursos Sem Métrica", "Canções Absurdas", "Poemas Com Sombras", "A Distância das Coisas" e "Poemas de Lavras". Nos dois primeiros segmentos, como bem observou José Alcides Pinto, em "O Universo Poético de Dimas Macedo"[1], estão enfeixados poemas cuja temática principal é o amor, o que, aliás, podemos comprovar nesse trecho de "Canção Número Dois":

1 PINTO, José Alcides. In *A Distância de Todas as Coisas*. Fortaleza: Livraria Gabriel Editora, 1987, 2ª edição, pags.83-86.

Ainda que todas as coisas rolassem por uma escada abaixo,
eu cantaria para ti uma canção com ternura e encanto,
faria com que a minha poesia penetrasse pelos teus poros
e fosse como uma música sonora para os teus ouvidos.

Na terceira parte, "Poemas Com Sombras", o poeta de Lavras questiona o absurdo da existência humana e a metafísica do ser:

A idéia é o mistério
e as teorias são o que buscamos,
e as coisas são só coisas
e o que pensamos é o além de tudo.

Já no quarto segmento do livro, o que vemos é um poeta nostálgico, relembrando a infância em Lavras da Mangabeira, carregado de um telurismo mórbido e um inconformismo exacerbado pela inevitável passagem do tempo:

Rua da Praia,
transformada e substituída!
Outrora, sossegada
e proprietária
do caminho do rio.
Com gente que ia e vinha
e com um pouco de crepúsculo
em cada tarde.
Quieta entre velhas paredes
onde repousava
o silêncio dos meus segredos.

Em "Poemas de Lavras", última parte de *A Distância de Todas as Coisas*, Dimas Macedo exalta as belezas de sua cidade natal, e nos revela um poeta de fala insubmissa, sintonizado com os problemas sociais do seu tempo. Como percebemos nesse trecho de "Poema de Lavras":

pois simplesmente os teus dirigentes
desprezaram-te
por serem canalhas.
Canalhas de chicote em punho,
sustentando-se nos grilhões da força
e impossibilitados de serem capazes.
Homens de brasões rijos,

que suprimiam a liberdade
e maltratavam a plebe.

De todas as seqüências do livro, no entanto, a de maior força poética é aquela em que os poemas telúricos estão mais presentes. Linhares Filho, ao que parece, foi quem melhor visualizou o assunto:

> *Talvez o sentimento mais forte da poesia de Dimas Macedo seja o da terra, buscando o poeta o tempo perdido, o da infância, que tanta legítima poesia tem feito produzir-se em todo o mundo, e, ao lado do aspecto elegíaco ligado ao telúrico, encontram-se na obra desse poeta lavrense os aspectos apologético e reivindicatório, pelos quais exalta os valores tradicionais de Lavras , e chama a atenção para as potencialidades de sua cidade no sentido de que sejam devidamente exploradas.*[2]

No poema "O Menino e o Salgado", inserido no quarto segmento do livro, iremos encontrar Lavras da Mangabeira, terra natal e musa inspiradora do poeta, como também a sua infância, que é revivida através da literatura. Além de estar presente o símbolo mais constante em suas obras: o rio Salgado.

O poema, a que me refiro, possui um vocabulário simples, bem de acordo com a temática da infância, e não possui um modo poemático definido. As vogais abertas e constantes em cada palavra do poema tornam sua leitura bastante fluida. O poeta se vale de um recurso bem interessante, que foi largamente utilizado por Carlos Drummond de Andrade em *Boitempo* e *Menino Antigo*, ao tratar indiferentemente a 1ª e a 3ª pessoa, o "menino" e o "eu", generalizando o que parecia particular.

Observamos no poema a proximidade entre o menino e o rio; a relação de ternura e respeito que o ser humano deve ter para com a natureza (*Era menino/ e o Salgado era como um irmão mais velho*). O Eu poético reconhece a superioridade da natureza, permanecendo inerte, deslumbrado diante da beleza e da força das águas do rio. Apenas dois verbos dão ação ao menino, mas, mesmo assim, são verbos que dependem da ação do rio para ganharem plena significação:

Eu <u>ouvia</u> sua voz nas águas
E a correnteza sussurava-me
Palavras tão amáveis.
.....
.....

2 LINHARES FILHO, José. In *A Distância de Todas as Coisas*. Fortaleza: Livraria Gabriel Editora, 1987, 2ª edição, p. 81.

levavam sempre uma saudade
que eu sentia - quando elas iam embora.

O permanente movimento do Salgado, na concepção de Macedo, representa a vida e sua agitação e tem como sentido a poesia (*As águas eram/ um veio inesgotável de poesia*). Sânzio de Azevedo por ocasião da posse de Dimas Macedo, na Academia Cearense de Letras, afirmou que, "na verdade, o rio Salgado na vossa obra poética não representa morte, mas vida. É da energia dinâmica de sua torrente que se nutrem os vossos versos, muitos dos quais refletem o ritmo ora calmo ora turbulento daquelas águas que banharam vossa infância." [3]

O rio Salgado é uma presença constante, expressa ou implícita, nas obras poéticas de Dimas Macedo. O rio habita o poeta e move a sua poesia, despertando o menino que teima em acompanhar o adulto. Qualquer fato pode liberar a memória, fazendo com que todo o passado em Lavras da Mangabeira se transforme em vida. Portanto, é através da memória involuntária que o poeta ameniza a dor provocada pela passagem do tempo e reanima a sua infância tão querida. Disso ele nos fala na linguagem condensada da poesia:

Remiro a sombra
sufoco os passos
torvo a distância.

Cavalgo trôpego
no caos, e lacerado
galopo em dorso.

Pouso na estrada
reclino a face
miro o labirinto.

No absurdo
retorno lúcido
consumo a infância.

Não podemos deixar de perceber a influência de Fernando Pessoa na obra do escritor lavrense, influência essa percebida também por José Alçides Pinto. Por isso transcreveremos um poema sem título do poeta português, onde é visível a proximidade simbólica e temática com "O Menino e o Salgado":

3 AZEVEDO, Sânzio de. "Saudação a Dimas Macedo", *in Discursos Acadêmicos,* Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1990.

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto

Os símbolos da infância de cada poeta permanecem vivos e sempre estão a reclamar um poema e a despertar eternas saudades e lembranças. Isto pode ser observado com nitidez quando Fernando Pessoa, incorporando Alberto Caeiro, eleva o rio de sua aldeia acima das glórias do Tejo. O mesmo faz o poeta cearense no poema intitulado "Lavras":

Lavras é a cidade mais bela do mundo
pois em cada rua
nasce uma saudade
que termina em meu corpo.

Celina Fontenele Garcia em seu estudo sobre Pedro Nava, assim define o gênero literário memória: "Um ajuste de contas, que consiste em repensar o passado, para escapar do peso do presente, para encontrar-se consigo mesmo e com o outro e para estabelecer uma comunicação externa que preencha o vazio da sua vida (do escritor)."[4]

4 GARCIA, Celina Fontenele. *A Escrita Frankenstein de Pedro Nava,* Fortaleza, Edições UFC, 1997.p.27.

Dimas Macedo, em *A Distância de Todas as Coisas*, consegue vencer o tempo e escapar "do peso do presente". Faz isso com muita maestria e consciência literária, tornando a sua poesia universal, mesmo utilizando símbolos regionais e tão particulares.

2. Poesia insubmissa

Lavras da Mangabeira, enquanto espaço real e projeção simbólica do imaginário, é início e retorno da poesia de Dimas Macedo, daí a preocupação com os problemas sociais do meio rural e a presença de resíduos da cultura popular nordestina em sua poesia.

Lavoura Úmida (1990), terceira reunião de poemas do autor, se caracteriza pelo uso da fala insubmissa, pelo resgate da poesia sertaneja e pela crença no sonho e na arte. A linguagem tecida em alguns poemas nos permite dizer que o livro é o prelúdio de uma realização estética que se concretizará com as publicações de *Estrela de pedra* (1994) e de *Liturgia do caos* (1996). Por outro lado, o convívio com os enigmas e os mitos da infância do poeta, associado à literatura de cordel, nos aproxima de sua obra anterior, *A Distância de Todas as Coisas* (1980). *Lavoura Úmida*, portanto, é passagem no universo literário de Dimas Macedo, retratando o momento de uma transição de linguagem.

Tanto nos versos líricos, quanto nos sociais e metalingüísticos, observamos uma proposta de libertação, uma necessidade de romper o impossível e o caos, o que garante uma certa unidade temática ao livro, apesar de sua irregularidade, como afirmou o próprio autor: "com certeza o meu livro de poemas mais irregular, quer quanto à disciplina dos experimentos poéticos, quer quanto à unificação da postura temática"[5].

Os poemas da primeira parte do volume compõem os matizes de uma utopia que se estrutura na criação artística e na realização do amor. "Em *Lavoura Úmida*, embora persistam as notas de saudade da infância e da terra natal, o poeta ressente-se das desigualdades sociais, da solidão, da morte. Dessa tensão entre o real e o imaginário surge a reflexão sobre o processo criativo e o papel do poeta"[6]:

5: Macedo, Dimas. "Quinze anos de literatura", in *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ano XCVI, Volume 25,1997. p.269.
6: Barbosa, Lourdinha Leite. "O percurso de um poeta", in *Literapia*, Nº 2, julho de 2000.

Nós
os poetas
que amamos o poema
não sabemos
que tipo de linguagem
se esconde nas asas do sol

Da nave do sonho
o mito do poema
lúcido se anuncia
em auroras de enleio
e tardes de magia

Do ventre do poema
explode a solidão
Do rosto do poema
sangra a utopia
que apunhala
o coração trôpego do mundo

A infância também é uma temática presente no primeiro bloco de poemas. As lembranças tangidas pela imaginação do autor ora aparecem como pesadelo: "Morte no Boqueirão de Lavras". Ora como espelho: "Solidão da infância". E ora como enigma: "O mito de Lavras". No entanto, é no poema "Existência" que os sons do passado são revividos com maior intensidade:

No silêncio da casa
eu me reparto
Na aflição do tédio
eu enlouqueço
e teço
na geometria do sonho
o espaço do caos onde navego

Na solidão da casa
eu pressuponho
a ausência de ti
e me entristeço
e dissoluto de busco

e me componho
no absoluto do verso
que te escrevo

Na dimensão do quarto
me nego e reconheço
e alimento
no conflito da dor
o fantasma da morte
rondando entre os meus dedos

O poeta revisita o passado através do espaço, adentra à casa de sua infância e encontra todos dormindo profundamente, e com a alvenaria dos versos reconstrói o barulho da vida e dos retratos. Bachelard, em *A Poética do Espaço*, nos fala que "a casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. Cada um desses redutos foi um abrigo de sonhos. E o abrigo muitas vezes particularizou o sonho. Nela aprendemos hábitos de devaneio particular. A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar por perfazer"[7].

A música que dorme no poema foi despertada por André Lopez em seu disco *Estrelas Anãs*[8]. Na gravação, podemos visualizar melhor a dimensão sonora do texto: a rima que percorre as estrofes, as aliterações, o repouso final de cada estância, a repetição do fonema /s/; além de ressaltar a importância da voz humana em uma peça poética.

Ainda no primeiro segmento de *Lavoura Úmida*, chamamos atenção para o poema "Cristal da ânsia". Uma composição que nos lembra as malhas das rendeiras cearenses. O enlaçar dos versos se faz espontâneo, num jogo sintático que demonstra a habilidade artesanal do autor. Como observou Paulo de Tarso Pardal, o poema "sugere circularidade, infinitude, dado a estrutura singular de sua construção, além da própria

7: Bachelard, Gaston. *A Poética do Espaço, in Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 207.
8: Lopez, André. *Estrelas Anãs*, Rio de Janeiro, Sony music, 2000.

sugestão da ânsia"[9]. Com efeito, invertendo o poema, ou seja, fazendo do último verso o seu começo, o leitor continuará na superfície polida de um cristal:

Na superfície da sombra
teço o discurso do empenho
com a perícia do engenho
discuto a arte do sonho
na solidão recomponho
o imaginário do tempo
persigo o sopro do vento
preso nas minhas entranhas
com atitudes estranhas
restauro a face da essência
e no fundo da consciência
guardo o cristal dessa ânsia

A engenharia verbal de "Cristal da ânsia" nos mostra, como afirmou Hildeberto Barbosa Filho, que "a linguagem de Dimas Macedo já demonstra inventividade poética nesta obra, sobretudo quando o lirismo subjetivo exige o contraste de imagem peculiar à sua fantasia criadora, a nosso ver, melhor realizada quando o eu poético assume a dicção erótica e, em certos momentos, o tom filosófico e metafísico"[10].

Apesar de um número significativo de poemas metalingüísticos, telúricos e líricos, é a temática social que se sobrepõe no livro. O ser da poesia insubmissa nunca foi devidamente estudado pela Poética, embora desde Arquíloco até os dias presentes inúmeros poetas tenham se dedicados a ela. Porém os seus contornos tornaram-se mais nítidos com a publicação de *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa* (1999), do poeta e ensaísta Roberto Pontes. E é com base nesse estudo que podemos afirmar que o autor de *Lavoura Úmida* conjuga o verbo insubmisso.

Dimas Macedo planta sua poesia em terreno fértil e dela faz brotar o desejo de uma sociedade mais justa e humana. A palavra ganha a força de uma arma com o empenho de modificar as estruturas sociais vigentes. "Com efeito, em razão de seus fins, a palavra e, portanto, a poesia, podem ser usadas

9: Pardal, Paulo de Tarso. *Pensaios*, Fortaleza, Biblioteca o curumim sem nome, 2000.p 81.
10: Barbosa Filho, Hildeberto. "Dimas Macedo em Três Momentos Poéticos", in *O Norte*, João Pessoa- PB, 19.01.1997.

como arma, empregado este termo tanto com o significado de recurso, meio, expediente, quanto de ataque e defesa"[11].

Em "Utopia", o poeta projeta em versos a concretização do desejo de uma sociedade sem opressão, mais humana e justa. Descreve os passos a ser seguidos para a implantação de um novo mundo, desde a idéia, o sonho, até a anunciação de uma realidade mais adequada à dignidade do homem:

A metáfora
fluiu do sonho
e o sopro revolucionário
invadiu os espaços
da esperança

E as multidões
sedentas de justiça
exigiram a renúncia
da opressão
e hastearam a bandeira
da vitória
no coração da praça

E vieram os pássaros
no escuro da noite
bicar o coração dos opressores
e celebrar com seu canto
um futuro de luz que se anuncia

O processo de renovação social se inicia através da poesia (*A metáfora/ fluiu do sonho*). A partir daí, desencadeia o processo revolucionário, ou seja, a palavra, usada como arma, trará uma nova consciência aos povos, que dessa forma conquistarão a liberdade.

As idéias vão ganhando mais concretude na medida em que o poema evolui, e, através da repetição da aditiva (*e o sopro revolucionário/ e as multidões/ e hastearam a bandeira/ e vieram os pássaros/ e celebrar com seu canto*), o poeta vai criando um clima de tensão, que é próprio das agitações sociais, além de enumerar as várias etapas de uma revolução.

11: PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa,* Fortaleza, Edições UFC/ Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1999. p. 39.

Na segunda estrofe (*E as multidões/ sedentas de justiça/ exigiram a renúncia/ da opressão/ e hastearam a bandeira/ da vitória/ no coração da praça*), vemos o agir de toda a sociedade com o intuito de sepultar de vez o terror da opressão. O poema valoriza o homem simples, que faz parte da grande massa de excluídos e o recoloca como sujeito ativo e modificador da sociedade. O que confirma mais uma vez a indignação dos versos de Macedo, pois "devemos exigir ao poeta lugar na rua e no combate, assim como na luz e na sombra. Talvez os deveres do poeta fossem sempre os mesmos na história. O valor da poesia foi sair à rua, foi tomar parte num e noutro combate"[12].

Na última estrofe, observamos uma nuance da poesia insubmissa: a palavra usada com leveza, mas carregada de indignação e revolta. "A poesia insubmissa pode emprestar às coisas uma feição de primavera ou de batalha, enviar flores, ou projéteis"[13].

Como afirmou Francisco Carvalho, "os poemas da primeira parte do volume, de evidente conotação social, não descambam, todavia para o discurso ideológico desprovido de tratamento estético relevante. O artesanato dos seus poemas está seguramente comprometido com as exigências formais da modernidade literária"[14].

Seguindo o mesmo curso dos rios, o artista denuncia tanto os problemas do campo (*Na solidão do espaço/ presa nas asas do vento/ nas trevas do latifúndio/ a liberdade inexiste*), quanto as tragédias dos centros urbanos (*Sócios/ da esperança e da miséria/ os catadores de lixo/ do Jangurussu/ alimentam a servidão da morte*).

Outro ponto que confirma a atitude política assumida pela poesia de Dimas Macedo está na presença dos chamados poemas de circunstância, que foram utilizados largamente por Manuel Bandeira. A poesia de circunstância é muitas vezes depreciada pelos críticos elitistas. Mas a poesia insubmissa "lida com os temas mais diversos, inclusive os mais rechaçados. O poeta insubmisso tem consciência de que a burguesia no poder não admite o conúbio da poesia com a realidade, por ser este enlace muito perigoso para os usufrutuários do poder exercido pelas classes dominantes"[15]. Alguns versos de "O Corpo do Frei Tito" são suficientes para ilustrar esta observação:

12: Neruda, Pablo. *Confesso Que Vivi*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro, Difel 1974. p. 295.
13: Pontes, Roberto. Op. cit., p.34.
14: Carvalho, Francisco. *in Estrela de pedra*, Brasília, Editora Códice, 1994. p. 46.
15: Pontes, Roberto. Op. cit. p. 35-36.

Vive a altivez do Frei Tito
como uma vigília a pairar
por sobre a solidão dos ditadores
Com ele
a utopia e a paixão
se fizeram escudos da verdade
e a rebeldia
se ergueu em holocausto
para celebrar o seu último
sacrifício

Os versos de circunstância se encontram no segundo segmento de *Lavoura Úmida*. Aqui, a influência da literatura de cordel é visível. O desejo de beijar um amigo fiel, como dirá o autor em *Estrela de pedra*, é esculpido na mesma madeira das violas nordestinas. Como podemos perceber em "Improviso para Horácio Dídimo", "Sete perfis" e "Décimas a Alcides Pinto". Neste último, o autor de *Os Verdes Abutres da Colina* aparece como um personagem extratextual, com os mesmos traços grotescos e o mesmo fascínio circense das figuras de seus romances. A disposição das rimas (abbccddeed), a irregularidade métrica e o humor dão o gosto de um folheto popular:

Seu nome é José Alcides
Pinto e provém da ribeira
do Acaraú e anda à beira
da loucura que o consome
pronunciar o seu nome
é um ato de maldição
porque o seu coração
não comporta desenganos
é maior que os oceanos
que campeiam a imensidão
.....
.....

É um Pedro Malasarte
em artifício e mistério
reza no seu batistério
que viverá muito além
que viveu Matusalém

com sua melancolia
quando nasceu era dia
porém tudo escureceu
quando o Alcides nasceu
fazia sol e chovia

Uma outra característica da poesia de fala insubmissa é o fato de ela corrigir o ensimesmamento, ou seja, achar um ponto de equilíbrio entre o subjetivo e o real. O poeta que pratica tal poesia não descamba para o puro subjetivismo, nem o despreza, tornando seus poemas líricos e ao mesmo tempo universais e relevantes para a sociedade. Parece que esse equilíbrio foi preciosamente encontrado por Dimas Macedo em *Lavoura Úmida*.

3. Criação e existência

A tarde cai
e em mim
a magia do tempo se irrompe
eis o futuro: ontem.

Corre no meu corpo agora
o vento
que em mim muito embora distrai
o pensamento.

Estou exposto à sorte
e a chuva
me anuncia a morte
e me turva

Me mito é o Santo Graal
e o poema é estranho,
insisto,
e no poema me banho,
eis tudo: a vida é um absurdo.

O poeta lírico é capaz de atingir os sentimentos, tornando-os visíveis e vibrantes através da palavra. Por isso, a poesia lírica transpõe os limites da racionalidade, transcende o cotidiano e nos dá a medida exata da condição humana. *Estrela de Pedra* (1994), o terceiro livro de Dimas Macedo, traz um eu lírico agitado, em uma luta constante com o cosmos.

O pequeno volume reúne vinte e cinco textos poéticos distribuídos uniformemente em três blocos: "Leveza", "Gravidade" e "Orfeu de mim". Trata-se de um fruto amadurecido pelos anos de convivência do autor com a palavra. Dimas Macedo encontra em *Estrela de Pedra* a forma poemática que melhor acomoda seus transbordamentos líricos.

Cada poema é tecido por uma linguagem extremamente condensada; cada verso oferece uma enorme variedade semântica. O próprio sintagma-título nos traz inúmeras sugestões: estrela (vida, luz, agitação) – de pedra (morte, inutilidade, inércia). Em algumas passagens, observamos construções sintáticas singulares, que confundem o leitor e acrescentam novas possibilidades ao nosso idioma. Perceba o leitor o sentido incomum dado aos verbos em "Magia":

Estrangulo-me nas mãos da primavera.
Dilacero-me na dor
Das sombras que ensangüento.
.....
.....
Preciso-me de sentimentos
raros e impuros.

A infância, tema corrente nas obras anteriores, volta a habitar alguns versos, não com o mesmo vigor, mas apenas com símbolos e imagens que ilustram e aprofundam o mistério dos poemas. Novamente o rio Salgado:

Na pedra
E até a fúria do enigma.
No mármore
Está a lâmina do efêmero.
Na ponte sobre o rio
as estacas de sol dos teus cabelos. (...) (p. 26)

Aura de fogo adejo
O Salgado é a espuma
E as asas do desejo
E o rito e a miçanga (...) (p.28)

O lirismo não afasta os temas sociais, ao contrário, faz deles matéria poética. Consciente disto, Macedo intitula de "Lírica" o poema mais insubmisso do livro. Uma bela peça, onde o eu poético se confunde com as massas e a angústia dos oprimidos:

Reina a indefinição dos dias
E a agonia do caos é o meu instante
Revejo o vento por perto
E no entanto para você,
E eu me olho nos olhos, proclamo:
Minha solidão não tem causa.
.....
.....
Estou com frio e com fome
não tenho pátria nem nome
e eis que todo o passado não mente:
eu tenho a morte cravada nos dentes.

Como observou Paulo de Tarso Pardal, "o lirismo de Dimas Macedo se elabora através de vários elementos semânticos. O afã, a desilução, o desejo, a dor, o caos, a tragicidade, a sensualidade, a efemeridade e o telúrico são alguns desses elementos, que em alguns poemas, aparecem num todo harmônico."[16]

Há no livro, no entanto, uma constante ou *leit-motiv* que constrói o que podemos denominar de poética da dor. O eu lírico, dotado de uma sensibilidade sem igual, convive intimamente com o "sopro dos contrários", ou seja, com a presença inevitável da morte na vida. Sem soluções racionais ou espirituais para o conflito, resta ao poeta cantar a própria dor:

Para isto a vida:
o sopro dos contrários.
O fogo dos presságios
queimando as nossas mãos.

Para isto o corpo:
o dorso maduro dos afagos.
O mar. O impossível
oceano no qual nos afogamos

16: PARDAL, Paulo de Tarso. "Dimas Macedo e a Poética da Dor", *In Pensaios*, Fortaleza, Biblioteca O Curumim Sem Nome, 2000.

Para isto a morte:
o ócio das palavras
A paixão. O desejo.
E o conflito de quem sentiu o beijo.

Evitar a morte do desejo; prolongar ao máximo a dor existencial, eis a forma encontrada pelo poeta para estancar o tempo e criar a partir do caos. É por esta fenda que podemos enxergar no livro a relação entre a arte e o amor. O amor liberta o Eu, ao mesmo instante que intensifica neste a consciência de sua finitude. Temeroso pela satisfação do desejo, pelo aniquilamento de Eros, o Eu grava na "pedra" da linguagem o momento de sua liberdade, ou seja, eterniza a paixão nas palavras. Dessa forma, amor e arte se complementam, e contraditoriamente só se tornam possíveis com a certeza da morte. O poema "Linguagem" nos serve de exemplo:

A emoção de segurar uns seios
de apertar um rosto
de solfejar um beijo
e depois despir
do corpo a repressão
para poder nascer
em nós a doação
até onde o querer
a plenificação
se possa permitir
e o amor
se possa traduzir
nas dobras do olhar
eis o meu jeito
novo de amar,
eis a paixão
que em mim quer explodir,
posto que transgredir
a convenção
é o meu plural,
posto que é natural
em mim
essa fascinação.

Em "Lavragem", o autor declara a sua condição de poeta. A condição de um ser que se esconde entre metáforas e não se conforma apenas com o olhar opaco da razão, procurando outros pontos de observação do mundo e da vida:

Saber para si basta ao mistério:
Eis-me tudo e o sonho que é tudo.
A arte é a dor
e a vida pela vida é o escárnio
posto que a metafísica
é sempre a liturgia do dilúvio.
Não me deixem confessar
o sonho que borbulha
e o drama que me parte
pois a lâmina da razão é a inverdade
e a dúvida é a certeza que reparte a dúvida.
O mito de toda a existência é sempre a arte.

Interessante é o poema "Ortônimo", onde o escritor presta homenagem aos vários heteronônimos de Fernando Pessoa. Como que em um jogo de espelhos, o poeta indentifica as várias facetas do seu Eu na poesia múltipla de Pessoa. As rimas sofisticadas contrastam com o ritmo, que se aproxima do popular. "Ortônimo" é singular e nos lembra o estilo de Francisco Carvalho:

Quando lavro um poema
Me louvo e me alquebranto
Eu me apodero do espírito
De Álvaro de Campos

Em mim boiam detritos
Do sangue português
E o transe mediúnico
De Antônio Mora

Em Rafael Baldaia
Me vejo por inteiro
A voz e o coração
De Alberto Caeiro.

Inúmeras leituras podem ser feitas do terceiro trabalho poético de Dimas Macedo. A contenção de linguagem alcançada oferece ao leitor um livro

completamente novo a cada instante. *Estrela de Pedra* continuará brilhando, como disse José Alcides Pinto, por muito tempo em nosso pensamento.

4. Estética do caos

Que desça sobre mim a noite
e em mim habite o vento
renovando as pedras da linguagem

Que sobre mim se instaure
o sopro da memória
e o mistério dos astros
e tudo o mais que eu possa suportar.

Que chova sobre mim
espadas de dilúvio.
Que caiam sobre mim escuridões.
Sou claridade dissipada
em tarde de amor e liturgia.

O poeta que não cantar o seu tempo está condenado a desaparecer. A melhor poesia sempre foi aquela que conseguiu refletir e recriar o momento histórico vivido pelo artista. "Um poeta ou procura impregnar-se da alma do seu tempo ou passará ignorado como o vento que se dispersa numa planície devastada pelo fogo".[17] *Liturgia do Caos* (1996), o mais recente trabalho de Dimas Macedo, traduz a angústia pela qual passa o homem nesse final de milênio, vivendo em um mundo sem sentido e sem perspectivas. Trata-se, pois, de um livro atual, tanto no que diz respeito à matéria quanto ao artesanato dos poemas.

A linguagem concisa, objetiva, que vinha sendo construída ao longo da trajetória poética do autor, culminando com *Estrela de Pedra* (1994), é consolidada em *Liturgia do Caos* (1996). Ela reflete o amadurecimento e a

17: CARVALHO, Francisco. *Textos e Contextos.* Fortaleza, Casa de José de Alencar/ Programa Editorial, 1995. p.127.

atitude endurecida de um homem que não se deixa iludir diante da possibilidade de modificar o mundo caótico que o cerca. Exemplo dessa linguagem está em "Salitre", poema completamente nominal, não fosse o neologismo "ressangrar":

Não obstante
a vontade amofinada,
a tarde assim selvagem
a ressangrar as pompas.
Roupas colantes,
o corpo e seu salitre
e a navalha da língua
sobre a carne.
O paletó no armário
e a ressaca da nuvem nos meus olhos.

O livro se divide em três fragmentos: "Vertigem", "Voragem" e "Outros poemas". A investigação sobre o fazer poético é a temática de maior destaque. A arte é vista como uma clareira de paz e harmonia em meio a uma desordem geral. É através dela que o poeta tenta organizar o caos em que vive.

A poesia social está presente em alguns textos do volume. Dimas Macedo comprova mais uma vez estar comprometido com as causas sociais. "Legenda" é um belo exemplo de poesia insubmissa:

Vou sair por aí
com um lenço nas mãos
enxugando o suor
na testa dos que sofrem,
agitando a bandeira da paz
como uma taça,
erguendo entre os homens
a lenda da concórdia.

Iremos encontrar, também, versos carregados de erotismo, que revelam a busca da plenitude, como observou Lourdinha Leite Barbosa:

> *O erotismo, presente em alguns poemas, revela um ser em busca de um estado de comunicação. O poema "Casulo", cujo título já indica o isolamento do ser, a sua descontinuidade, é um exemplo da forma de erotismo que Georges Bataille denomina erotismo dos corpos. Nele, o discurso poético revela o desejo do "eu lírico" de substituir a individualidade descon-*

tínua que está em nós, por um sentimento de continuidade profunda, através da fusão de dois seres que ao final chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução.[18]

O poeta telúrico, nostálgico, aparecerá com maior intensidade no último segmento de *Liturgia do Caos*. "Balada", poema construído em redondilha maior, com rimas abraçadas, lembra a poesia popular do Nordeste, e nos mostra o laço indissolúvel que prende o escritor a sua terra natal:

Trago das ruas de Lavras
uma saudade infinita:
não é a minha desdita,
são as lembranças de Lavras.

Minha infância lá em Lavras
sempre foi cheia de mitos.
O maior dos meus conflitos
é ver a morte de Lavras.

O amor que dedico a Lavras
é feito de labirintos.
Sinto meus olhos famintos
pelos encantos de Lavras.

O traço mais marcante da obra, no entanto, é a investigação sobre o papel do artista e o que deve representar o seu trabalho nos dias correntes. O autor explora o "eu", buscando compreender as contradições que tanto o afligem. Nesse mergulho interno, ele nos traz imagens surrealistas de um mundo que anseia traduzir:

Esses cavalos
sobre os edifícios
pastando sonhos
são os objetos
com que distraio
a dor dos meus conflitos.

Esses monstros
pintados de concreto

18: BARBOSA, Lourdinha Leite. "O Percurso de Um Poeta", In *Literapia*, n.º 02, Fortaleza, junho/2000.

são os tecidos de linho
com que visto
a solidão de um drama
que carrego.

Esses gatos alados
são terríveis
revelações
do que ficou oculto
e reprimido
em meu destino incerto.

Em "Poética", Dimas Macedo expressa um dos conflitos que tanto o consome. Consciente de que a conseqüência inevitável de toda criação poética é a pequena morte do sujeito que escreve, angustia-se ao perceber que aquilo que mais teme, a morte, é a razão da sua própria existência, pois esta só se realiza com a poesia. O poema tem a forma de um silogismo: o primeiro verso representa a premissa maior, o segundo e terceiro versos a premissa menor e os dois últimos a conclusão. Se não vejamos:

O aprendizado da morte é a existência.
A experiência da morte é o meu aprendizado
e o meu permanente vir a ser.
A inspiração da morte me faz compreender
a relação do artista com o mundo.
A eternidade da morte
é o meu sentimento mais profundo
assim como o absoluto da vida
é o desejo de produzir a arte.
Como uma obsessão que dói e me reparte
a volúpia da morte
é o eterno delírio que me espreita.
Para mim o sentido da vida é a suspeita
de que a morte é a simetria da minha liberdade.

O aprendizado da morte é a existência; a experiência da morte, ou seja, o fazer poético, é o aprendizado; logo, o fazer poético é a própria existência, a liberdade. Eis aí o pensamento que move toda a obra, influenciado pela filosofia heideggeriana, que nos fala que "a poesia é a *casa do ser*; só através dela é possível *comemorá-lo* sem perdê-lo de vista; só ela é capaz de evocá-lo

em seu momento fulgurante. O ser é uma surpresa que os poemas ajudam a vislumbrar."[19] O "vir a ser" do poeta, a sua existência, só se realiza enquanto ele estiver exercitando a imaginação.

A força modificadora da imaginação e a esperança na juventude indicam o caminho para uma nova realidade, bem diferente da atual, formada por mitos em plena decomposição:

Talvez tenha dito o Eclesiastes
que nada de novo existe sob o sol,
mas pouco falou da Lua e quase não falou
do sonho que reside em cada um de nós.

A tarde preguiçosa também se levanta
e dengosa é a canção do vento que remove
o lixo da história e a Torre de Babel.

O sal do tempo se renova e passa,
assim as escrituras todas passarão,
deixando sobre a terra a crença na expressão
e sob os raios do sol a arte da palavra.

Dimas Macedo, em *Liturgia do Caos*, expõe os problemas existenciais que afligem o homem moderno. Partindo dos seus conflitos internos, dilui-se no caos vivido pelo mundo, pois, como afirmou Mário Quintana, "o poeta, quanto mais individual, mais universal, pois cada homem, qualquer que seja o condicionamento do meio e da época, só vem a compreender e amar o que é essencialmente humano".

19: BORGES, Contador. "A Surpresa do Ser", In *Cult - Revista Brasileira de Literatura*, nº.28, São Paulo, Lemos Editorial Gráficos Ltda.p.38.